

## **RELATOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SER DE UM HOMEM GAY E PROFESSOR DOS ANOS INICIAIS**

Amélia Teresinha Brum da Cunha

Universidade Federal de Pelotas/RS. E-mail: ameliabrum@gmail.com

**Resumo:** Apresenta-se um recorte de tese defendida em 2016, desenvolvida com quatro professores dos anos iniciais em duas cidades do interior do RS. Traz percepções de um jovem professor que ao expressar sua homossexualidade sofreu preconceito de seus/suas colegas quando se apresentou na escola para exercer a docência. Trata das relações que se estabeleceram desde o seu ingresso na escola, analisando como o fato de ser gay repercutiu entre os/as estudantes e colegas. Utilizou-se entrevistas semiestruturadas, observações e questionário, examinando-se os dados com a análise de conteúdo, de Bardin (2009). Os Estudos de Gênero, serviram como referencial teórico-analítico. Observou-se que o professor tem uma prática distante daquelas que dominam a docência masculina ao partilhar das ideias de cuidado, atenção e afeto, geralmente associadas com a docência feminina.

**Palavras-chave:** Experiência, Professor, Escola, Anos Iniciais, Homossexualidade.

### **Introdução**

Até por volta dos anos 2000 temas sobre diversidade sexual e de gênero, relacionadas à educação, experimentaram pouca visibilidade científica e acadêmica no Brasil. No que tange à questão da (homo)sexualidade de professores e professoras da Educação Básica pode-se dizer que se trata de assunto ainda pouco presente nas pesquisas acadêmicas.

Nesse sentido, o presente trabalho traz um olhar sobre o homem professor dos anos iniciais que ao expor sua sexualidade no ambiente profissional deparou-se com atitudes preconceituosas por parte de seus/suas colegas de profissão. Portanto, trata simultaneamente de dois temas pouco explorados nas pesquisas: docência masculina e (homo)sexualidade docente.

Destaca-se que a inexpressiva presença de homens nas escolas brasileiras vem sendo modificada nos últimos anos com o ingresso cada vez maior de professores nas redes de ensino. Foi este cenário que impulsionou o desenvolvimento de uma tese de doutoramento em Educação na qual tratou-se da questão do gênero na docência com crianças dos anos iniciais.

Na perspectiva qualitativa, o estudo teve o objetivo de investigar como os homens se constituem professores dentro de uma profissão reconhecidamente feminina. O referencial teórico analítico baseou-se nos Estudos de Gênero, numa ótica pós-estruturalista, expressa pelos estudos de Guacira Lopes Louro e Judith Butler.

Optou-se pela análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (2009) para tratar os dados, compreendendo que esse meio possibilita tratar criticamente os dados obtidos no estudo e traduzir “visões subjetivas do mundo, de modo a que o investigador possa ‘assumir’ o papel de ator e ver o mundo do lugar dele” (AMADO, 2014, p. 305).

Metodologicamente o estudo desenvolveu-se a partir de observações durante dois semestre letivos com visitas semanais nas escolas onde os professores participantes exerciam as atividades docentes. Primeiramente foram feitas as observações com as turmas e num segundo momento a entrevista. Além das entrevistas houve conversas informais com os professores, fornecendo profícuo material para análise de dados e anotações no diário de campo.

Ainda que a tese não tenha versado sobre o tema da homossexualidade, e sim sobre a constituição de homens que exerciam a docência com crianças, um dos professores trouxe experiências que nenhum dos outros professores vivenciou. A experiência do professor decorreu do fato de ter se autodeclarado homossexual e direcionou tanto a sua prática quanto as suas relações com as(os) colegas na escola.

Decidiu-se trazer os dados obtidos junto a esse professor sobre as relações que se estabeleceram na escola desde o seu ingresso, considerando tanto a sua posição de professor dos anos iniciais quanto a sua condição de um homem homossexual, tendo em conta o inabitual de ambas as situações nas escolas brasileiras.

Assim, a seguir apresenta-se algumas considerações sobre a docência, utilizando estudos acadêmicos realizados no Brasil que trataram sobre o tema da docência masculina. Na sequência, mostra-se as movimentações feitas pelo professor frente às investidas preconceituosas vividas enquanto docente em turmas dos anos iniciais e decorrentes, em parte, de ter assumido sua sexualidade na escola e ter escolhido uma profissão vista como própria das mulheres.

### **Considerações sobre a presença masculina na docência**

Os argumentos usados para justificar a ausência masculina na educação, principalmente com as crianças pequenas, combinam-se com o que Cláudia Pereira Vianna (2001) denunciou como construções sociais e culturais que interferem em nossas escolhas profissionais. Para ela,

Trata-se, sim, de afirmar que as expressões da masculinidade e da

feminilidade são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto (VIANNA, 2001, p. 90).

Já Furlani (2013) alega que “[...] o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem” (p. 70), constitui-se “em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc., e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo” (FURLANI, 2013, p. 70).

Observando essas reflexões percebe-se que a profissão docente, assim como outras temáticas do campo das Ciências Sociais, experimentou transformações socioculturais nos últimos séculos, as quais abalaram profundamente algumas certezas e estruturas sociais com consequências irreversíveis, entretanto ainda enfrenta desafios estruturais como a falta de reconhecimento social e investimento público, o que acaba por influenciar a escolha pela profissão.

Assim, a presença, hoje, embora tímida, mas crescente, de homens nas licenciaturas comporta duas explicações presumíveis. Primeiro, que os homens vêm cada vez mais se distanciando “do modelo tradicional de provedor e figura de autoridade a favor de ideais de companheirismo e igualdade” (ABOIM, 2010, p. 162). A segunda hipótese traz a probabilidade de essa escolha significar “uma resistência, confrontando os discursos sociais e culturais – permeados pelas relações de gênero e poder –, que instituem a docência para crianças como uma opção (exclusivamente) feminina” (SANTOS; CASTRO, 2016, p. 59).

É preciso salientar que os homens sempre puderam ser professores, caso assim desejassem. O que os colocava distantes do exercício docente com crianças, embora tivessem ocupado esse espaço profissional até os finais do século XIX, não era a proibição de cunho legal, mas a condição de ter se tornado a escola um espaço predominantemente feminino e a docência desvalorizada socialmente (WENZKE, 2010).

Considerando que a temática sobre homens professores, especialmente professores homossexuais, em exercício nas escolas é o objeto que conduz esse texto convém apresentar uma pequena análise do panorama das produções existentes acerca dessa relação entre a docência masculina, a educação e a homossexualidade. Para isso, empreendeu-se uma busca na Plataforma Capes, por ser um ambiente que concentram as produções acadêmicas brasileiras.

A seguir apresenta-se sucintamente as principais produções encontradas sobre os temas apontados anteriormente – docência masculina, educação e homossexualidade, a fim de justificar a importância das reflexões trazidas neste artigo.

Analisando e comparando as pesquisas encontradas, verifica-se que muitas trazem pontos em comum sobre o exercício docente de professores homens com crianças. Nessas pesquisas, algumas salientam questões que dizem respeito à escolha pela docência (NUNES, 2008; NUNES, 2013); outras, dialogam com relação aos traços identitários da profissão (CARDOSO, 2007; SALGADO, 2007); há as que procuram conhecer as trajetórias profissionais dos professores (LIMA, 1998; PEREIRA, 2012); algumas questionam as práticas profissionais de homens e mulheres docentes (COSTA, 2003; MIRANDA, 2003; LUSA, 2010).

Importa destacar que existe uma significativa produção com enfoque da homossexualidade no ambiente escolar, porém, centrada na figura dos/as estudantes, como apontam os seguintes: FREITAS (2010); JÚNIOR, (2010); GRANÚZZIO (2012); REZENDE (2015); SILVA (2015).

Há, ainda, pesquisas que buscam conhecer como professores e professoras compreendem a homossexualidade e como atuam frente a esse tema quando os/as estudantes expressam conduta diversa da norma heterossexual dentro da escola. Essas pesquisas foram desenvolvidas por: RODRIGUES (2003); LIMA (2006); OLIVEIRA (2006); BARRETO (2009); MARSIGLIA (2009).

Quando a busca centrou-se sobre professores e professoras homossexuais encontramos três trabalhos, sendo que um deles analisou a vida de professoras homossexuais: MACIEL (2014) e dois estudos versaram sobre os professores: VALE (2005) e ALMEIDA (2009), sendo estes últimos trazidos para este texto.

Márcio Caetano, elaborou, em 2005, um estudo de natureza qualitativa, trazendo relatos dos/das frequentadores/as e ativistas da Organização Não Governamental Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual (GAI). Teve o objetivo de analisar e compreender as redes de sociabilidades e, sobretudo, as formas encontradas por alunos/as e professores/as que, na vigilância, são capazes de exercer suas sexualidades.

Entretanto, a coleta de dados in loco na rede pública municipal do Rio de Janeiro não foi autorizada pela 10ª Coordenadoria Municipal da Região. Diante disso, os dados foram obtidos junto

aos membros do GAI, ativistas e frequentadores que possuíssem relações diretas ou indiretas com a educação escolar. Os dados indicaram, por meio das entrevistas, a invisibilidade dos sujeitos homossexuais nos espaços escolares.

Conforme Caetano (2005), isso decorre do silenciamento provocado, sobretudo, pelo medo, o que faz com que construam um controle rigoroso dos gestos e da voz para não serem reconhecidos. O silenciamento é uma das formas encontradas por alunos/as e professores/as para poderem exercer suas sexualidades.

Almeida (2009) buscou compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidades e do gênero. Investigou, na sua pesquisa de mestrado, gays, travestis e lésbicas a fim de conhecer o que falavam sobre suas histórias de vida e o lugar ocupado pela profissão docente nesse processo, principalmente quando suas identidades sexuais e de gênero eram evidenciadas e interpretadas pelos diversos sujeitos que compõem a escola, sobretudo o corpo docente.

Os resultados da investigação mostraram que os professores e as professoras ao exercer a profissão docente não se desvinculam de suas marcas de sexualidade e gênero inscritas em seus corpos, mesmo que não as evidencie, denotando a diferença e provocando impactos em todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Ao trazer essas pesquisas buscou-se destacar como professores homossexuais encontram espaços de fuga e como reagem dentro das escolas para as investidas preconceituosas, veladas e não veladas, dos/as colegas.

### **Marcas de gênero e sexualidade no exercício da profissão**

Pacheco é o nome fictício de um dos quatro professores que compuseram a pesquisa de doutorado concluída em 2016. Todos os professores participantes do estudo foram indicados por colegas professoras que em algum momento de suas vidas pessoais e profissionais tiveram contato com eles.

No período em que a tese estava sendo desenvolvida, Pacheco exercia a docência em uma escola muito carente localizada num bairro da periferia da cidade de Pelotas, interior do Rio Grande do Sul. Atendia uma turma de 5º ano, composta por 14 estudantes, sendo oito meninas e seis meninos. Tinha 30 anos, vivia com um companheiro, sem filhos, graduado desde 2009 em Pedagogia e pós-graduado em

Psicopedagogia. Trabalhava há seis anos como professor na mesma escola, o que segundo ele possibilitava “*ser conhecido e reconhecido pelas crianças, pelos pais e pelos/as colegas*”. Também era professor alfabetizador na Educação de Jovens e Adultos em outra escola pública no período da noite. Para incrementar o salário Pacheco desempenhava a função de agente comunitário de saúde no município de Pelotas, dedicando 20h por semana para cumprir essa tarefa. No total, trabalhava 60h semanais, sendo 40h em atividades docentes.

Tanto a escolha quanto a trajetória profissional de Pacheco foi influenciada pela experiência prazerosa vivida com uma professora que teve quando era criança, bem como com o ambiente escolar que sempre o fascinou, mas também foi afetada pela necessidade de buscar uma profissão que oferecesse rápido ingresso no mercado de trabalho. Para ele, ser professor teve um significado bastante positivo, pois possibilitou mudar a realidade familiar de privações econômicas. Pacheco conta que as dificuldades econômicas o empurravam para a escolha de um curso que oferecesse um acesso mais imediato ao mundo do trabalho. Ele relata que

diante dessa situação de bastantes dificuldades e poucos recursos econômicos a opção mais acertada era procurar um curso técnico em uma instituição federal e logo conseguir um lugar para trabalhar. Mas, descobri que essa área exata e técnica não combinava nem um pouco comigo. Mesmo com muitas dúvidas resolvi me inscrever no magistério do Assis Brasil, fui sorteado, concluí o curso e encontrei meu caminho na docência com crianças (Trecho de entrevista feita com o professor).

A opção por ser professor decorreu depois de perceber sua desarmonia com a área técnica e num impulso resolveu procurar o magistério. Era muito forte o sentido que a escola possuía na vida de Pacheco e ao buscar um curso na área das ciências exatas o que pretendia era garantir uma profissão que tivesse retorno financeiro.

No fundo o que eu esperava quando pensei em fazer um curso técnico era ter um bom salário para ajudar a minha mãe, mas quando comecei a ver que não tinha vontade de sair de casa pra fazer o cursinho eu achei que não deveria dar continuidade a isso. Aí foi que eu passei a pensar em outras possibilidades, então vieram várias lembranças boas da escola, porque eu associei aquele gosto que eu sempre tive por estudar com o que eu sentia no curso preparatório (Trecho de entrevista feita com o professor).

A experiência satisfatória de Pacheco com o magistério foi a razão que o levou a cursar Pedagogia e assim poder dar continuidade aos estudos num curso de formação docente na universidade. O ingresso na universidade foi motivo de orgulho na família e comemorada

com muito entusiasmo por ser o único filho a obter um diploma de graduação universitária.

Dentro da realidade salarial injusta e insuficiente, da precarização das escolas e da extensa carga horária de trabalho da profissão docente, Pacheco revela que as suas maiores insatisfações com a docência devia-se ao fato de estar sempre tensionado à afirmar sua competência e capacidade profissional, pois esse foi o meio encontrado por ele para se afirmar como capaz e competente dentro da profissão docente. Há, por parte do professor, um constante empenho em realizar uma prática pedagógica qualificada com a intenção de conquistar maior reconhecimento e respeito entre seus/suas colegas.

Esse sentimento revelado pelo professor teve origem quando ele se apresentou na escola para assumir a convocação decorrente da aprovação no concurso público e foi recebido com receio pela equipe gestora da escola, assim como por alguns/algumas colegas. Ele classificou o episódio como espantoso, hilário e uma demonstração de certa ignorância por parte da equipe pedagógica que conversou com ele e em certo momento da conversa uma das professoras da equipe perguntou se ele tinha coragem de assumir uma turma de crianças, pois era um homem, o trabalho era desafiador e exigia paciência e entrega, sentimentos que os homens nem sempre costumam possuir, segundo a professora. A resposta de Pacheco foi bastante dura, vejamos: *“acho que demonstrar sentimentos como paciência não é específico das mulheres, pois conheço várias que não têm e isso não tem relação com o nosso sexo ou com a nossa genitália”*.

Para o professor o que havia era uma tentativa de afastá-lo da escola, pois era o único homem como professor dos anos iniciais. Ele diz que no primeiro ano como professor da escola viviam todos muito espantados: ele, por estar sempre sendo avaliado; elas, por custarem a aceitá-lo como professor de crianças pequenas. Ele revela que:

Não me disseram nada, mas eu percebia que esperavam que não desse certo. As perguntas que me fizeram, a forma como me olharam, as tentativas de me desestimular a assumir uma turma com crianças do primeiro ano foram suficientes para me fazer entender que eu teria que enfrentar muitas cobranças e muitas observações. Tive que me preparar para isso e acho que nunca mais consegui esquecer. Talvez eu esteja sempre esperando a crítica (Trecho de entrevista feita com o professor).

Como alerta Louro (2000), algumas representações destacam-se tanto que desaparece o seu caráter de representação, assumindo feição de realidade. Nesse sentido, a afirmação de que a docência masculina não se insere naquilo que é descrito sobre a docência e naquilo do que conhecemos a respeito dela faz com que Pacheco sofra, assim como outros professores, os efeitos dessas

representações que tentam dizer sobre eles e enquadrá-los dentro ou fora do âmbito das autorizações. *“Os primeiros dias na escola foram os mais difíceis. Mas, como na minha vida fui acostumado a vencer obstáculos, aos poucos fui mostrando minha competência e aqueles que duvidaram de mim tiveram que engolir os deboches e as piadinhas”*. (Trecho de entrevista feita com o professor)

Questionado sobre o modo como se relaciona com a famílias das crianças o professor associa a condição socioeconômica dos pais e das mães com a ausência de preconceito, como se a origem humilde daquelas pessoas impedissem que manifestassem suas visões sobre a docência masculina ou sobre o professor. Ele conta:

Com os pais nunca tive problemas por ser homem, acho que pelo fato de trabalhar numa escola muito carente, onde a família pouco participa dos estudos dos filhos, não senti nenhum olhar atravessado, nenhum questionamento ou pergunta sobre a minha presença na escola, muito menos perguntas de duplo sentido. São as colegas mesmo as que mais se mostraram incomodadas com a minha presença. O que me chocava e me espantava era pensar que muitas acreditam mesmo que um homem não tem condições de dar conta de fazer o que faz uma mulher (Trecho de entrevista feita com o professor).

Ao colocar que a carência do meio social onde está localizada a escola impede que mães, pais ou responsáveis manifestem algum tipo de rejeição à sua condição de gênero para a docência, ele parece atribuir a essa posição socioeconômica das famílias um certo tipo de receio em expor seus pensamentos do que propriamente a inexistência de preconceito por parte dessas pessoas. Nesse sentido, compreende-se que para Pacheco o silêncio a respeito da presença dele como professor dos anos iniciais mostra que essas famílias não se reconhecem como autorizadas a expor quase nenhum tipo de questionamento sobre o que acontece na vida escolar das crianças pelas quais são responsáveis.

Com um início marcado pela desconfiança, pelas frases de duplo sentido proferidas pelas/os colegas/os, Pacheco diz que conseguiu conquistar o reconhecimento pelo trabalho que desenvolve, mas sabe que o respeito ou a aceitação destinada às professoras que chegaram depois dele ainda exige muito mais das pessoas compreenderem que a docência com crianças não é exclusiva das mulheres do que propriamente do esforço que faça para mostrar sua competência.

Pode-se perceber que manter o controle disciplinar das crianças funciona para o professor como mais uma garantia de ser respeitado e

aceito na escola. Em parte essa forma de trabalhar derivou de um comentário feito por uma colega de trabalho quando houve a primeira reunião de fechamento do trimestre escolar, logo após assumir a vaga de professor. Nessa ocasião ouviu que deveria dar menos risadas com as crianças durante as aulas porque terminaria perdendo o respeito das crianças. Disse que ao defender verbalmente a maneira como se relacionava com as crianças, ouviu *“já és uma figura diferente para eles, imagina se ficas brincando muito e tudo sai do controle, como vais recuperar o respeito depois?”* (Trecho de entrevista feita com o professor).

A responsabilidade profissional e as relações afetuosas construídas com as crianças são elementos presentes na constituição desse professor e que ajudam a “questionar os fundamentos das ideias de feminilidade e masculinidade e sua presença no ensino escolar [...]” (CARVALHO, 1999, p. 89) justamente porque não correspondem aos modelos construídos acerca da presença das mulheres e dos homens na educação com crianças. Isto é, enquanto as representações afirmam que os professores exercem maior autoridade sobre as/os estudantes e as professoras adotam atitudes maternas na escola, Pacheco consegue sair-se bem nesse “constante jogo de encontro e desencontro entre instrução e “cuidado” [...]” (CARVALHO, 1999, p. 89), mostrando que a presença masculina na escola pode servir para agregar outras formas de ver os discursos que definem a profissão docente e instigar reflexões sobre a docência masculina.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, visou-se apresentar os mecanismos usados por um professor de uma escola pública, localizada em um bairro pobre de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, diante das situações de preconceitos que experimentou quando começou a exercer a profissão docente em turmas dos anos iniciais.

Por ser o único professor homem na escola a ocupar tal função e por assumir uma identidade homossexual, desde o seu ingresso na escola conviveu com olhares debochados e tentativas de auxílio de como conduzir a turma com disciplina e autoridade, como se fosse o fato de ser inexperiente na profissão e ser gay comprometeria sua competência e o fizesse seguir o que era dito pelos/as colegas, levando-o a obter aprovação dos seus pares.

Observa-se como um dos resultados que professores e professoras não se desvinculam de suas marcas de sexualidade e gênero, mas o caso de homens exercendo a docência com crianças,

constantemente reportada às mulheres, acaba por dar uma nova descrição à profissão, pois como Louro (2000) avalia

a representação dominante do professor homem foi – e provavelmente ainda seja – mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos/das alunos/as (LOURO, 2000, p.107).

Sob esse contexto, o exercício da docência com crianças desestabiliza as certezas da profissão docente. No caso de Pacheco houve uma clara interpretação por parte de alguns/algumas colegas que existem profissões específicas para os homens e outras para as mulheres, mostrando o quanto ainda é necessário trazer para os cursos de formação docente e também para as escolas debates e reflexões sobre gênero, sobre sexualidades, sobre representações, estereótipos, discriminações e preconceitos.

Pacheco optou pelo afastamento desses/as colegas e não pelo enfrentamento direto. Preferiu não buscar uma aproximação com os/as professores/as que se mostraram incomodados/as com a sua presença na escola e considerou mais inteligente fazer com que aos poucos fossem aceitando a sua presença, conquistando respeito ao se mostrar um bom professor.

Para ele a saída foi buscar na qualificação do trabalho a resposta para o preconceito e as tentativas de controle que viveu no início da carreira. *“Agora eu posso dizer que até o relacionamento melhorou, embora eu ainda tenha muita mágoa de algumas que foram muito duras nas críticas sem fundamento, por puro preconceito e ignorância”* (Trecho de entrevista feita com o professor).

Por fim, espera-se que este texto venha a contribuir com professores e professoras que queiram participar na construção de uma sociedade em que as relações entre homens e mulheres sejam baseadas em critérios de acesso e igualdade de direitos para todas e todos, com uma sociedade que pretenda desconstruir normas e representações de sexo e gênero, que vejam a escola como um locus de mudança cultural, percebendo que é conveniente que se instituem espaços educacionais, formais e não-formais, para questionamentos mais profundos acerca de quais práticas escolares colaboram na discriminação de gênero.

## Referências

ABOIM, S. Gênero, família e mudança em Portugal.  
In Wall, K.; Aboim, S. & Cunha, V. (Eds.).

*Conjugualidades no Masculino: Renegociando Poderes e Identidades no Quotidiano.* Lisboa: Editorial do Ministério da Educação. Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. 2010.

ALMEIDA, N. F. P. de. *A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero.* 2009. 241 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, MG, 2009.

AMADO, J. *Manual de Investigação Qualitativa em Educação.* 2ª ed.. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2014.

BARDIN, L. (2009). *Análise de Conteúdo.* Edições 70. Lisboa: Portugal.

BARRETO, M. I. “*Como vêem, o que pensam, como agem os professores e professoras de Ciências do município de Aracaju frente à homossexualidade*”. 2009. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, SE, 2009.

CAETANO, M. R. V. *Os gestos do silêncio para esconder as diferenças.* 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2005.

CARDOSO, F. A. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 30., 2007, Caxambu. Anais. São Paulo: ANPEd, 2007. p. 1-18.

CARVALHO, M. P. de. *No coração da sala de aula; gênero e trabalho docente nas séries iniciais.* São Paulo: Xamã, 1999.

COSTA, R. P. P. da. *Coisas de menino, coisas de menina: o trabalho docente e a construção das relações de gênero.* 2002. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, RS, 2003.

FREITAS, J. G. de O. *No quadro: o tema diversidade sexual na escola, com foco na homossexualidade. Nas carteiras escolares: os professores.* 2010. 230f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2010.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. IN: LOURO, G.L., NECKEL, J.F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* Petrópolis: Vozes. 2013.

GRANÚZZIO, P. M. *Entre Visibilidades e Invisibilidades: sentidos produzido sobre as relações vividas na escola por homossexuais.* 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, SP, 2007.

LIMA, F. M. *O discurso da homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em Educação Física.* 2006. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, PR, 2006.

LIMA, M. M. *Professores e Professoras: na escola de séries iniciais: uma análise na perspectiva das relações do gênero.* 1998. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo – USP, SP, 1998.

LUSA, D. *Anos iniciais da escolarização e relações de gênero: representações de docentes sobre gênero.* 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, RS, 2010.

MARSIGLIA, D. M. *Silêncio e Invisibilidade: A Atitude Discriminatória de Professores*

*Diante da Homossexualidade na Escola*. 2009. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Nove de Julho. 2009.

LOURO, G. L. *Currículo, Gênero e Sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, G. L. *Um Corpo Estranho – ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. 2. Ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MACIEL, P. D. *Lésbicas e professoras: modos de viver o gênero na docência*. 2014. 178f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade em Educação, Universidade Federal de Pelotas, RS, 2014.

MIRANDA, M. H. G. de. *Magistério Masculino: (Re)Despertar Tardio da Docência*. 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2003.

NUNES, P. G. *Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, 2013.

NUNES, S. M. de A. *Professor, uma profissão professada: o homem no exercício do magistério (1975 - 2005)*. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, SE, 2008.

OLIVEIRA, M. R. dos A. O. *Educação e sexualidade: vivências sócio-educacionais de jovens homossexuais (Cuiabá-MT)*. 2006. 131p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, MT, 2006.

PEREIRA, M. A. B. *Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade*. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Paulo, SP, 2012.

SALGADO, J. S. M. *“A voz de homem e a voz do homem” : representações sociais masculinas do magistério*. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, BSB, 2007.

SANTOS; V. R. dos S.; CASTRO, R. P. de. *Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens*. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 7, n. 1, p. 53-76, jan./jun. 2016.

VIANNA, C. O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 17/18, p. 81-103, 2001/02.

WENZKE, M. de L. D. *“Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir” : gênero, docência e Educação Infantil em Pelotas (décadas 1940-1960)*. 2010. 203 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2010.